

# A herança de Vargas

JOSÉ NÊUMANNE

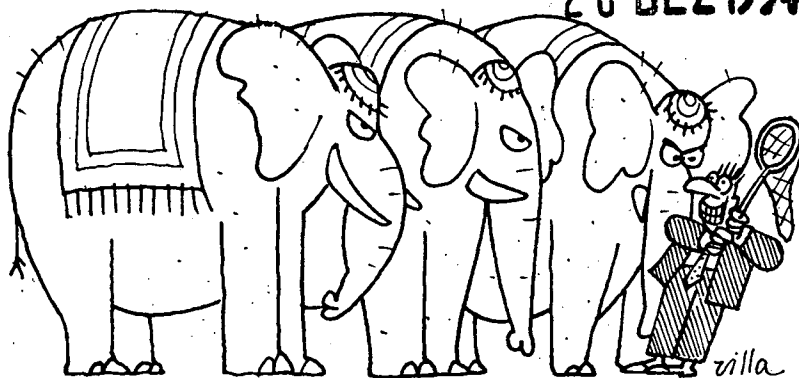
20 DEZ 1994

JORNAL DA TARDE

O discurso do senador Fernando Henrique Cardoso, ao se despedir do Senado Federal, quarta-feira passada, não obedeceu ao modelo clássico das peças oratórias produzidas para tais ocasiões. Ao contrário, foi muito mais um pronunciamento de presidente eleito do que de senador em fim de mandato. Sem a pompa formal dos discursos de despedida, deve ser lido como uma plataforma de propostas para seu futuro governo.

Como tal, ficou claro que o futuro presidente do República não abdicou de seu ideário socialista da juventude, mas está mesmo impregnado de um espírito pragmático, fortalecido por uma visão aguda da realidade brasileira. Embora tenha dito que se despedira da sociologia para se entregar, plenamente, à atividade política profissional, não tendo aberto mão de tal característica nem mesmo no calor da campanha, para atender ao "marketing" político mais adequado, o acadêmico não se despiu de sua formação de sociólogo para se investir nas novas, mais poderosas e mais importantes funções.

O político prático falou mais alto nos trechos dedicados no discurso à reforma do Estado, que ele pretende empreender a partir da revisão em profundidade da estrutura fiscal e tributária, reconhecidamente obsoleta no Brasil, e na clareza com que anunciou sua pronta adesão à privatização das empresas estatais, sem pudores nem preconceitos. Da mesma forma, foi o político, escolhido por Tancredo Neves para liderar a bancada



FHC PERCEBEU QUE O VELHO  
MODELO DO ESTADO AUTÁRQUICO,  
CLIENTELISTA, PATRIMONIALISTA  
E PROVIDENCIAL SE ESGOTOU.

governista no Senado em 1985, quem constatou o fim da transição.

A insistência com que o presidente eleito enterrou o processo de transição do autoritarismo para a democracia plena não deixa dúvidas quanto a sua intenção de instaurar, completamente, o primado da liberdade política, com as responsabilidades que isso implica. É possível interpretar a repetição do bordão do fim do processo transitório como um aviso: a festa acabou, está na hora de arrumar a casa para um novo tipo de ocupação.

Ao longo da transição, a democracia brasileira se deu ao luxo de ser festiva com Tancredo, hesitante com Sarney, irresponsável com Collor e indefinida com Itamar. Agora, sendo a democracia uma adolescente que atinge a maioridade, os políticos precisam assumir a responsabili-

dade de governar, pois exercer o poder político é assumir compromissos a partir de escolhas que resultam em consequências, positivas ou não.

O sociólogo, contudo, ainda se faz presente na análise do político. Do ponto de vista analítico, o trecho mais importante do discurso de Fernando Henrique no Senado talvez seja a opção que ele assumiu, com clareza, de limpar as estruturas socio-econômicas do Brasil dos resquícios da Era Vargas. O pai da teoria da dependência percebeu, ao longo de sua militância política, que o velho modelo do Estado autárquico, clientelista, patrimonialista, paternalista e providencial se esgotou, definitivamente.

Filho do general Leônidas Cardoso, que participou da luta política para implantar o modelo vigente, por ele agora criticado, o professor Fernando Henrique reconhece ter o Brasil cresci-

do e se encorpado por conta da intervenção do Estado, que o caudilho gaúcho erigiu da política de governadores, depois do golpe que derrubou a República Velha, em 1930. Mas, agora, ele sabe melhor do que ninguém, não dá mais. O modelo acabou e está se tornando um cadáver insepulto, pesado demais para ser carregado.

De fato, a abolição dos resquícios da herança de Getúlio Vargas, condição indispensável para o Brasil se adaptar completamente à nova realidade internacional, não é tarefa fácil. Os constituintes de 1988 e os revisores de 1994 não tiveram discernimento nem coragem para enfrentar a mentalidade varguista da xenofobia, que faz do capital estrangeiro um risco para a soberania. Da mesma forma, até hoje, nenhum presidente da República teve peito para mexer no vespeiro do corporativismo dos funcionários das estatais com o monopólio nas áreas de petróleo, telecomunicações e eletricidade.

A melhor novidade do discurso do presidente eleito é que ele mostrou ter discernimento e promete ter peito para tornar a herança de Vargas apenas um capítulo de nosso passado, não mais um permanente obstáculo para se alcançar a prosperidade no futuro.

O AUTOR

José Nêumanne,  
jornalista e  
escritor, é  
autor de  
Veneno na Veia.

